

Consumo de alimentos ultraprocessados entre crianças de até dois anos nas regiões Norte e Nordeste do Brasil: Revisão integrativa

Consumption of ultra-processed foods among children up to two years old in the North and Northeast regions of Brazil: An integrative review

Consumo de alimentos ultraprocessados entre niños de hasta dos años de las regiones Norte y Nordeste de Brasil: Revisión integradora

Recebido: 22/12/2024 | Revisado: 28/12/2024 | Aceitado: 29/12/2024 | Publicado: 04/01/2025

Luana Alves de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8872-5630>

Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, Brasil

E-mail: luanaptg123@gmail.com

Sheila dos Santos Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2860-017X>

Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, Brasil

E-mail: sheila.ss288@gmail.com

Natália Pinheiro de Sá

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7395-4362>

Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, Brasil

E-mail: nataliapsa@icloud.com

Ana Clara Lopes Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7235-4942>

Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, Brasil

E-mail: anaclf.2020@gmail.com

Juliane Siomara da Silva Alcântara

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5211-3121>

Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, Brasil

E-mail: juliane.siomara.13@gmail.com

Jéssica Adriana Dias Soares

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2021-6919>

Hospital Dom Malan - ISMEP, Brasil

E-mail: jessica22adriana@gmail.com

Juliana Mikaelly Dias Soares

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2832-3461>

Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, Brasil

E-mail: ju.mdisoares@gmail.com

Resumo

O alto consumo de alimentos ultraprocessados (AUP) em lactentes pode acarretar consequências a curto, médio e a longo prazo. Pode ocorrer déficit no crescimento, obesidade e o acometimento de doenças crônicas não transmissíveis. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi revisar a literatura sobre o consumo de alimentos ultraprocessados entre lactentes, com enfoque nas regiões norte e nordeste do país, a fim de compreender de forma abrangente a idade média e fatores determinantes para a introdução desses alimentos. Foram identificados 431 artigos, dos quais foram excluídos na triagem e por critérios de exclusão 422 artigos. Com isso, 9 trabalhos originais foram incluídos na presente revisão. Do total de artigos, 5 artigos realizaram estudos transversais e 4 artigos são estudos de coorte. Com relação à idade média de introdução dos AUP, apenas dois estudos informaram e ambos com a mesma média de 6 meses. Há nas regiões Nordeste e Norte do país um consumo prevalente de AUP. O qual, em vários estados do Nordeste, está associado principalmente a baixa renda, baixa escolaridade e amamentação insuficiente (exclusiva ou complementar). Ademais a isso, na região Norte há um consumo crítico de AUP pela população indígena relacionado ao contato com pessoas fora do ambiente familiar e hábitos alimentares diferentes do culturalmente observado. No entanto, esse comportamento alimentar prevalente de alto consumo de AUP é passível de mudanças, desde que ocorra planejamento de ações, viabilidade de políticas públicas e sociais estruturantes.

Palavras-chave: Lactentes; Alimentos ultraprocessados; Ingestão alimentar; Nutrição infantil.

Abstract

High consumption of ultra-processed foods (UPF) in infants can have short-, medium-, and long-term consequences. Growth deficits, obesity, and the development of chronic noncommunicable diseases may occur. Therefore, the

objective of this study was to review the literature about the consumption of ultra-processed foods among infants, focusing on the North and Northeast regions of the country, in order to comprehensively understand the average age and determining factors for the introduction of these foods. A total of 431 articles were identified, of which 422 articles were excluded in the screening and by exclusion criteria. Thus, 9 original studies were included in this review. Of the total articles, 5 articles carried out cross-sectional studies and 4 articles were cohort studies. Regarding the average age of introduction of UPF, only two studies reported it, and both with the same average of 6 months. There is a prevalent consumption of UPF in the Northeast and North regions of the country. In several states in the Northeast, this is mainly associated with low income, low education and insufficient breastfeeding (exclusive or supplementary). In addition, in the North region there is a critical consumption of UPF by the indigenous population related to contact with people outside the family environment and eating habits that are different from those culturally observed. However, this prevalent eating behavior of high UPF consumption is subject to change, as long as there is action planning and the viability of structural public and social policies.

Keywords: Infants; Ultra-processed foods; Food intake; Child nutrition.

Resumen

El elevado consumo de alimentos ultraprocesados (AUP) en los lactantes puede tener consecuencias a corto, medio y largo plazo. Pueden producirse déficits de crecimiento, obesidad y enfermedades crónicas no transmisibles. Por lo anterior, el objetivo de este trabajo fue revisar la literatura sobre el consumo de alimentos ultraprocesados entre los lactantes, centrándose en las regiones norte y noreste del país, con el fin de comprender de manera integral la edad promedio y los factores determinantes para la introducción de estos alimentos. Se identificaron 431 artículos, de los cuales 422 artículos fueron excluidos en el cribado y por criterios de exclusión. Como resultado, se incluyeron en esta revisión 9 obras originales. Del total de artículos, 5 artículos realizaron estudios transversales y 4 artículos fueron estudios de cohorte. En cuanto a la edad promedio de introducción de los AUP, solo dos estudios informaron y ambos con el mismo promedio de 6 meses. Existe un consumo predominante de AUP en las regiones Nordeste y Norte del país. Lo cual, en varios estados del Nordeste, se asocia principalmente a bajos ingresos, baja escolaridad y lactancia materna insuficiente (exclusiva o complementaria). Además, en la región Norte existe un consumo crítico de AUP por parte de la población indígena relacionado con el contacto con personas ajenas al entorno familiar y hábitos alimentarios diferentes a los observados culturalmente. Sin embargo, este comportamiento dietético prevalente de alto consumo de AUP está sujeto a cambios, siempre y cuando se planifiquen acciones y sea factible estructurar políticas públicas y sociales.

Palabras clave: Infantes; Alimentos ultraprocesados; Ingestão alimentaria; Nutrición infantil.

1. Introdução

A alimentação da criança nos primeiros 2 anos de vida é crucial para um neurodesenvolvimento e crescimento adequados (Schwarzenberg et al, 2018). Uma dieta deficiente para a criança pode comprometer o desenvolvimento acarretando prejuízos ao crescimento físico, à maturação biológica, à aquisição de habilidades (Claro et al., 2022) e propiciando o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT).

A introdução alimentar deve ser iniciada aos 6 meses de idade ou em casos específicos um pouco antes desde que o seu desenvolvimento seja compatível com a introdução dos alimentos (Who, 2009; Brasil, 2024). É a partir dessa introdução que a criança iniciará a formação de seu paladar e será capaz de construir hábitos alimentares saudáveis, que perdurarão ao longo da vida (Reis, Reis & Almeida, 2024).

Dessa forma, esse é um período crucial para que os pais e cuidadores ofereçam alimentos variados e nutritivos, priorizando alimentos *in natura* e minimamente processados (frutas, verduras, legumes, cereais integrais e proteínas de boa qualidade) (Brasil, 2014; Brasil, 2024). No entanto, nos últimos anos, tem-se observado um aumento no consumo de alimentos ultraprocesados (AUP) por toda a população brasileira. E, infelizmente, também entre lactentes e crianças pequenas (Carneiro et al., 2024).

Esses alimentos caracterizados por abundância de ingredientes, elevados teores de açúcar adicionado, sódio, gorduras saturadas e aditivos, são mais acessíveis, práticos e atraentes. Contudo, apresentam maior densidade energética e estão associados ao excesso de peso corporal, o que consequentemente pode repercutir em inúmeros prejuízos à saúde (Barros et al., 2024).

Para os lactentes, que estão em uma fase de desenvolvimento intenso, uma alimentação rica em AUP pode predispor consequências a curto e a longo prazo. Dentre essas, encontram-se o impacto negativo no crescimento, a obesidade e o surgimento de doenças crônicas na vida adulta, como diabetes tipo 2 e enfermidades cardíacas (Heitor, Rodrigues & Santiago, 2011; Giesta et al., 2019).

Com base nisso, o objetivo deste estudo foi revisar a literatura sobre o consumo de alimentos ultraprocessados entre lactentes, com enfoque nas regiões norte e nordeste do país, a fim de compreender de forma abrangente a idade média e fatores determinantes para a introdução desses alimentos.

2. Metodologia

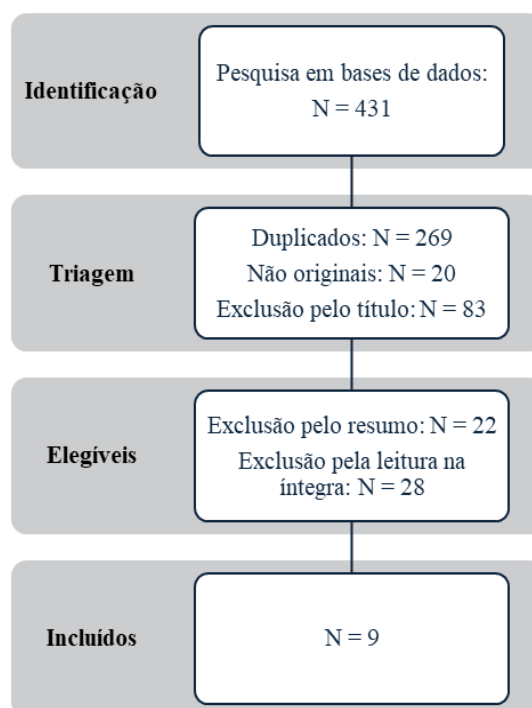
Realizou-se uma revisão integrativa (Mattos, 2015; Anima, 2014; Crossetti, 2012) da literatura com buscas no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *National Library of Medicine* (PubMed), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

As palavras-chave e descritores combinados com operadores booleanos incluíram: consumo de alimentos ultraprocessados, ingestão de alimentos processados, crianças menores de dois anos e lactentes. A busca foi realizada tanto na língua inglesa quanto portuguesa e de forma a responder à questão norteadora: como está o consumo de alimentos ultraprocessados entre crianças de até dois anos nas regiões Norte e Nordeste do Brasil?

Como critérios de inclusão para o estudo delimitaram-se apenas artigos que respondem à questão norteadora, com textos completos e publicados nos idiomas inglês, português ou espanhol e que apresentavam dados analisados de crianças até 24 meses de idade apenas das regiões norte e/ou nordeste. Para critérios de exclusão consideraram-se: artigos repetidos, artigos não originais e artigos que não respondem à questão norteadora e/ou que realizaram estudos ecológicos.

Dessa forma, foram identificados 431 artigos, dos quais foram excluídos na triagem (por repetição ou não original ou excluído pelo título) 372 artigos. Dessa forma, 59 publicações que contemplavam os critérios foram elegíveis. No entanto, com a leitura do resumo e/ou do artigo na íntegra foram excluídos 50 trabalhos, conforme Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma da seleção dos artigos.



Fonte: Autoria própria.

3. Resultados e Discussão

Com isso, 9 trabalhos originais foram incluídos na presente revisão. Do total de artigos, 5 artigos realizaram estudos transversais e 4 artigos estudos de coorte. Com relação à região, a grande maioria dos trabalhos foram realizados na região Nordeste (n=7). Em relação aos anos de publicação, destaca-se que foram publicados entre 2017 e 2023.

Os instrumentos de coleta de dados desses lactentes foram: recordatórios 24 horas, formulários de marcadores de consumo alimentar do SISVAN (Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional) do Ministério da Saúde do Brasil e questionários estruturados próprios. Os principais resultados focos da nossa pesquisa estão sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1 - Principais resultados dos artigos selecionados para a análise integrativa.

Autores e ano	Tipo de estudo	Região e estado	N	Tipo de questionário	Idade de introdução dos AUP	Fatores associados a introdução precoce dos AUP
Longo-Silva et al. (2017)	Estudo transversal	Nordeste, Alagoas	359	Questionário estruturado de introdução dos AUP	6 meses (com período crítico entre o 3º e 5º mês)	Gravidez indesejada, não feita de pré-natal e renda inferior ou igual a 2 salários-mínimos.
Marçal et al. (2021)	Estudo transversal	Nordeste, Alagoas	1604	Recordatório alimentar estruturado das últimas 24h	-	Baixa escolaridade da mãe/responsável.
Maciel et al. (2021)	Estudo transversal	Norte, Acre	94	Formulário de marcadores de consumo alimentar do SISVAN	-	Contato e acesso à hábitos alimentares externos à comunidade.
Dourado et al. (2022)	Estudo de coorte	Nordeste, Alagoas	205	Questionário de Frequência Alimentar	-	Consumo frequente de AUP pelas mães e situação econômica da família (baixa renda).
Andrade et al. (2022)	Estudo de coorte	Nordeste, Alagoas	193	Recordatório alimentar de 24 horas	-	Ausência de amamentação a partir dos 9 meses.
Porto et al. (2021)	Estudo de coorte	Nordeste, Bahia	286	Questionário estruturado próprio	6 meses (a partir de 4 meses)	Amamentação exclusivamente inferior a 4 meses.
Moraes et al. (2023)	Estudo transversal	Norte, Amazonas e Roraima	67	Questionário estruturado	-	Contato com pessoas da população não indígena e mães de estatura adequada.
Silveira et al. (2021)	Estudo transversal	Nordeste, Ceará	21	Formulário Marcadores de Consumo Alimentar do SISVAN	-	-
Batalha et al. (2017)	Estudo de coorte	Nordeste, Maranhão	812	Recordatório alimentar de 24 horas	-	Baixa escolaridade materna e idade da criança maior que 16 meses.

Legenda: AUP: Alimentos ultraprocessados; N = números de crianças participantes; SISVAN = Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional. Fonte: Autoria própria

É notório que alguns artigos não trouxeram todas as informações buscadas. Porém, as informações relatadas foram essenciais para responder nossa questão. Com relação à idade média de introdução dos AUP, apenas dois estudos publicaram essa informação e ambos com a mesma média de 6 meses. Longo-Silva et al. (2017), no estado de Alagoas, evidenciaram que os AUP foram introduzidos em média com seis meses de idade, em um período crítico entre o terceiro e o quinto mês de vida sendo um incremento importante na probabilidade de introdução dos AUP.

Enquanto Porto et al. (2021) relataram uma mediana de introdução dos AUP também de 6 meses, no entanto com o menor período de identificação dessa introdução com 3 meses de vida e máximo de 11 meses de vida, no estado da Bahia. Tal identificação foi possível, uma vez que foram utilizados questionários estruturados próprios, em vez de recordatórios 24 horas ou formulários de marcadores de consumo alimentar padronizados. No entanto, independentemente da idade média de introdução desses alimentos todos os estudos selecionados apontam uma alta prevalência para o consumo de AUP entre lactentes.

Dourado et al. (2022) apontou uma prevalência de consumo de AUP por uma vez ao dia ou mais por 92,5% de crianças de até 12 meses acompanhadas por um estudo de coorte no estado de Alagoas. Outros trabalhos também apontaram essa alta prevalência no consumo de AUP como prevalência de consumo de 90,6% das crianças de 6 a 24 meses beneficiárias do Programa Bolsa Família no estado de Alagoas (Marçal et al., 2021) e de 83,33% pelas crianças com idade de 6 a 23 meses e 29 dias no Ceará (Silveira et al., 2021). Na Região Norte, os dois estudos analisados apontaram uma prevalência de consumo de AUP foi de 28,4% entre crianças de 6 a 23 meses nas tribos pertencentes aos estados do Amazonas e Roraima (Moraes et al., 2023) e de 52,6% entre crianças de 6 e 12 meses e de 28,6% entre crianças de 13 e 23 meses no estado do Acre (Maciel et al., 2021).

Os dados foram semelhantes para a região Nordeste em um estudo de Lacerda et al. (2023) realizado nas macrorregiões do Brasil, que apontou uma prevalência de consumo entre crianças de 6 a 24 meses incompletos de 82%. No entanto, para a região Norte os dados relatados apontaram uma frequência de consumo de AUP 84,5% (Lacerda et al., 2023), bem diferente das médias relatadas nos estudos que foram incluídos de tal região (Moraes et al., 2023; Maciel et al., 2021). Possivelmente, essa discrepância foi devido a esses dois estudos relatarem dados apenas de crianças indígenas, limitando a visão ampla de toda a população da região Norte.

Com relação aos AUP, os mais consumidos foram: biscoitos, queijo *petit suisse*, macarrão instantâneo, sucos artificiais, achocolatados, papinhas e salgadinho/pipoca industrializados (Batalha et al., 2017; Maciel et al., 2021; Marçal et al., 2021; Andrade et al., 2022). Corroborando com os dados da Pesquisa Nacional de Saúde realizada em 2013, que apontou um consumo de biscoitos, bolachas ou bolo por 60,8% dos lactentes e de refrigerante ou suco artificial por 32,3% deles (Brasil, 2015). Tal consumo está associado também a ampla publicidade em torno das crianças e desses alimentos (Mallarino et al., 2013).

A alta prevalência do consumo desses alimentos e de outros AUP está associado a inúmeros fatores. Dois aspectos bem relatados indicativos desse alto consumo em lactentes foram a baixa escolaridade e a situação econômica da família (Longo-Silva et al., 2017; Batalha et al., 2017; Marçal, et al., 2021; Dourado, et al., 2022).

É notório que a renda e o nível educacional são fatores associados e estão diretamente relacionados ao maior acesso à informação. Um estudo sobre o consumo alimentar no nordeste brasileiro evidenciou que condições econômicas, local de moradia, ambiente e práticas de compra de alimentos podem se mostrar como risco para o consumo de AUP (Silva et al., 2021). Além disso, é bem consolidado que as regiões Norte e Nordeste são as mais carentes no que diz respeito a renda e escolaridade devido às desigualdades sociais persistentes nesses locais, o que intensifica ainda mais essa alta prevalência no consumo de AUP e corrobora com os resultados aqui evidenciados.

Nessa mesma lógica, demonstra-se, no país, uma tendência de estagnação do consumo de alimentos ultraprocessados em estratos socioeconômicos mais privilegiados, provavelmente devido à maior divulgação dos malefícios desses alimentos, cujas informações são mais acessíveis a pessoas de melhores condições socioeconômicas (Louzada et al., 2023). Na região Norte, Maciel et al. (2021) e Moraes et al. (2023) evidenciaram que o consumo de AUP, bem como as práticas alimentares, mais especificamente na população indígena, são influenciadas pelo contato com outros hábitos e pessoas, que passam a influenciar na cultura e dieta típica.

Um outro determinante para o consumo de AUP é a amamentação. Porto et al., (2021) e Andrade et al., (2022) relataram que crianças não amamentadas exclusivamente por menos de 120 dias apresentaram um risco maior da introdução precoce dos AUP e, quando não amamentadas após os seis meses, apresentaram também maior probabilidade de apresentar alto consumo de AUP. Além de benefícios nutricionais e econômicos, a amamentação exclusiva nos primeiros 6 meses e complementar, seguida da introdução de alimentos complementares saudáveis, reduz o risco de infecções, sub e desnutrição, além de contribuir para a saúde da criança a longo prazo (Claro et al., 2022). Outros fatores também associados ao consumo dos AUP foram consumo frequente desses alimentos pelas mães (Dourado et al., 2022), idade da criança maior que 16 meses (Batalha et al., 2017), gravidez indesejada e não realização do pré-natal (Longo-Silva et al., 2017).

Com isso, é evidente que tais aspectos são determinantes para o alto consumo de AUP entre lactentes, impactando negativamente no crescimento esperado, na formação de hábitos alimentares saudáveis e na predisposição de doenças crônicas não transmissíveis como diabetes, dislipidemias e enfermidades cardíacas.

4. Considerações Finais

Diante de tudo, conclui-se que nas regiões Nordeste e Norte do país o consumo de AUP é prevalente. Houve um consumo alto em vários estados do Nordeste associado, principalmente, a baixa renda, baixa escolaridade e amamentação insuficiente (seja exclusiva ou complementar). E, na região Norte, há um consumo crítico na população indígena relacionado ao contato com outras pessoas e hábitos alimentares diferentes do culturalmente esperados.

No entanto, esse comportamento alimentar prevalente de alto consumo de AUP é passível de mudanças, desde que ocorra planejamento de ações e viabilidade de políticas públicas e sociais estruturantes. Principalmente, no que diz respeito ao acesso a informações pertinentes e Educação Alimentar e Nutricional (EAN) continuada. As atividades de EAN devem ser norteadas pensando não apenas nas necessidades alimentares e nutricionais, mas também focadas em viabilizar a mudança do contexto estrutural e sociodemográfico, contribuindo para um pensamento racional e crítico da realidade em que cada população alvo está inserida.

Referências

- Andrade, E. D. O., et al. (2022). Evolution of infant feeding practices in children from 9 to 24 months, considering complementary feeding indicators and food processing: Results from the Brazilian cohort of the MAL-ED study. *Maternal & Child Nutrition*, 18(4), e13413. doi: 10.1111/mcn.13413.
- Anima. (2014). Manual revisão bibliográfica sistemática integrativa: a pesquisa baseada em evidências. Grupo Anima. https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/manual_revisao_bibliografica-sistematica-integrativa.pdf.
- Barros, D. M. et al. (2024). Alimentos ultraprocessados e sua influência sobre as doenças crônicas não transmissíveis. *Revista Contemporânea*, 4(3), e3545. <https://doi.org/10.56083/RCV4N3-049>
- Batalha, M. A., et al. (2017). Processed and ultra-processed food consumption among children aged 13 to 35 months and associated factors. *Cadernos De Saúde Pública*, 33(11), e00152016. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00152016>
- Brasil. (2015). Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Pesquisa nacional de saúde: 2013: ciclos de vida: Brasil e grandes regiões / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. –Rio de Janeiro: IBGE; 2015.
- Brasil. (2014). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- Brasil. (2024). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. Diretrizes e recomendações do guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos: documento de Evidências. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.
- Carneiro, L. B. V., et al. (2024) Food poverty among children aged 6-59 months in Brazil: results from the Brazilian National Survey on Child Nutrition (ENANI-2019). *Public Health Nutrition*, 27(1):e162. doi: 10.1017/S1368980024001435.
- Claro, M. L., et al. (2022). Child development as an intermediate element of food and nutrition in public policies. *Revista Brasileira De Saúde Materno Infantil*, 22(3): 715–720. <https://doi.org/10.1590/1806-9304202200030016>
- Crossetti, M. G. O. (2012). Revisión integrativa de la investigación en enfermería, el rigor científico que se le exige. *Revista Gaúcha De Enfermagem*, 33(2), 10–11. <https://doi.org/10.1590/S1983-14472012000200002>

- Dourado, B. L. L. F. S., et al. (2022). Early-life determinants of excessive weight gain among low-income children: Examining the adherence of theoretical frameworks to empirical data using structural equation modelling. *Pediatric Obesity*, 17(8):e12912. doi: 10.1111/ijpo.12912.
- Giesta, J. M., et al. (2019). Fatores associados à introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(7), 2387–2397. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018247.24162017>.
- Heitor, S. F., Rodrigues, L. R. & Santiago, L. B. (2011). Introdução de alimentos supérfluos no primeiro ano de vida e as repercussões nutricionais. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 10(3):430–436. doi: 10.4025/cienccuidsaude.v10i3.11347.
- Lacerda, E. M. A., et al. (2023). Minimum dietary diversity and consumption of ultra-processed foods among Brazilian children 6-23 months of age. *Cadernos de Saúde Pública*, 20;39(Suppl 2):e00081422. doi: 10.1590/0102-311XEN081422.
- Longo-Silva, G., et al. (2017). Age at introduction of ultra-processed food among preschool children attending day-care centers. *Jornal de Pediatria*, 93(5), 508–516. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2016.11.015>
- Louzada, M. L. C., et al. (2023). Consumption of ultra-processed foods in Brazil: distribution and temporal evolution 2008–2018. *Revista de Saúde Pública*, 57(12), 2023. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004744>.
- Maciel, V. B. S., et al. (2021). Diversidade alimentar de crianças indígenas de dois municípios da Amazônia Ocidental brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7), 2921–2928. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.14232019>
- Mallarino, C., et al. (2013). Advertising of ultra-processed foods and beverages: children as a vulnerable population. *Revista de Saúde Pública*, 47(5), 1006–1010. <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2013047004319>
- Marçal, G. M., et al. (2021) Association between the consumption of ultra-processed foods and the practice of breast-feeding in children under 2 years of age who are beneficiaries of the conditional cash transfer programme, Bolsa Família. *Public Health Nutrition*, 24(11), 3313-3321. doi: 10.1017/S136898002000244X.
- Mattos, P. C. (2015). Tipos de revisão de literatura. Unesp, 1-9. <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>.
- Moraes, A. O. D. S., et al. (2023). Food profile of Yanomami indigenous children aged 6 to 59 months from the Brazilian Amazon, according to the degree of food processing: a cross-sectional study. *Public Health Nutrition*, 26(1), 208-218. doi: 10.1017/S1368980022001306.
- Porto, J. P., et al. (2021). Aleitamento materno exclusivo e introdução de alimentos ultraprocessados no primeiro ano de vida: estudo de coorte no sudoeste da Bahia, 2018. *Epidemiologia E Serviços De Saúde*, 30(2), e2020614. <https://doi.org/10.1590/S1679-49742021000200007>
- Reis, M. E. T. D., Reis, M. C. R. & Almeida, S. G. (2024). The implication of social media in food introduction and childhood. *Research, Society and Development*, 13(6), e3713645953. doi: 10.33448/rsd-v13i6.45953.
- Schwarzenberg, S. J., et al. (2018). Advocacy for improving nutrition in the first 1000 days to support childhood development and adult health. *Pediatrics*, 141(2), e2071-3716. doi: 10.1542/peds.2017-3716
- Silva, C. S., et al. (2021). Globalização e Processamento de Alimentos: Consumo Alimentar no Nordeste Brasileiro. *DEMETERA: Alimentação, Nutrição & Saúde*, 16, e63180. <https://doi.org/10.12957/demetra.2021.63180>
- Silveira, A. C., et al. (2021). Marcadores de consumo alimentar de crianças com até cinco anos de idade vivendo em abrigos na cidade de Fortaleza, Ceará, Demetra (Rio J.); 16(1), 55015. doi: 10.12957/demetra.2021.55015
- Who. (2009). World Health Organization. Infant and Young Child Feeding: Model Chapter for Textbooks for Medical Students and Allied Health Professionals. Geneva: World Health Organization; 2009. SESSION 3, Complementary feeding. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK148957/>.